ESTA REVISTA FAZ PARTE INTEGRANTE DO BLITZ N.º 380 • SÓ PODE SER VENDIDA COM ESTA EDIÇÃO E DISTRIBUÍDA NAS LOJAS VALENTIM DE CARVALHO

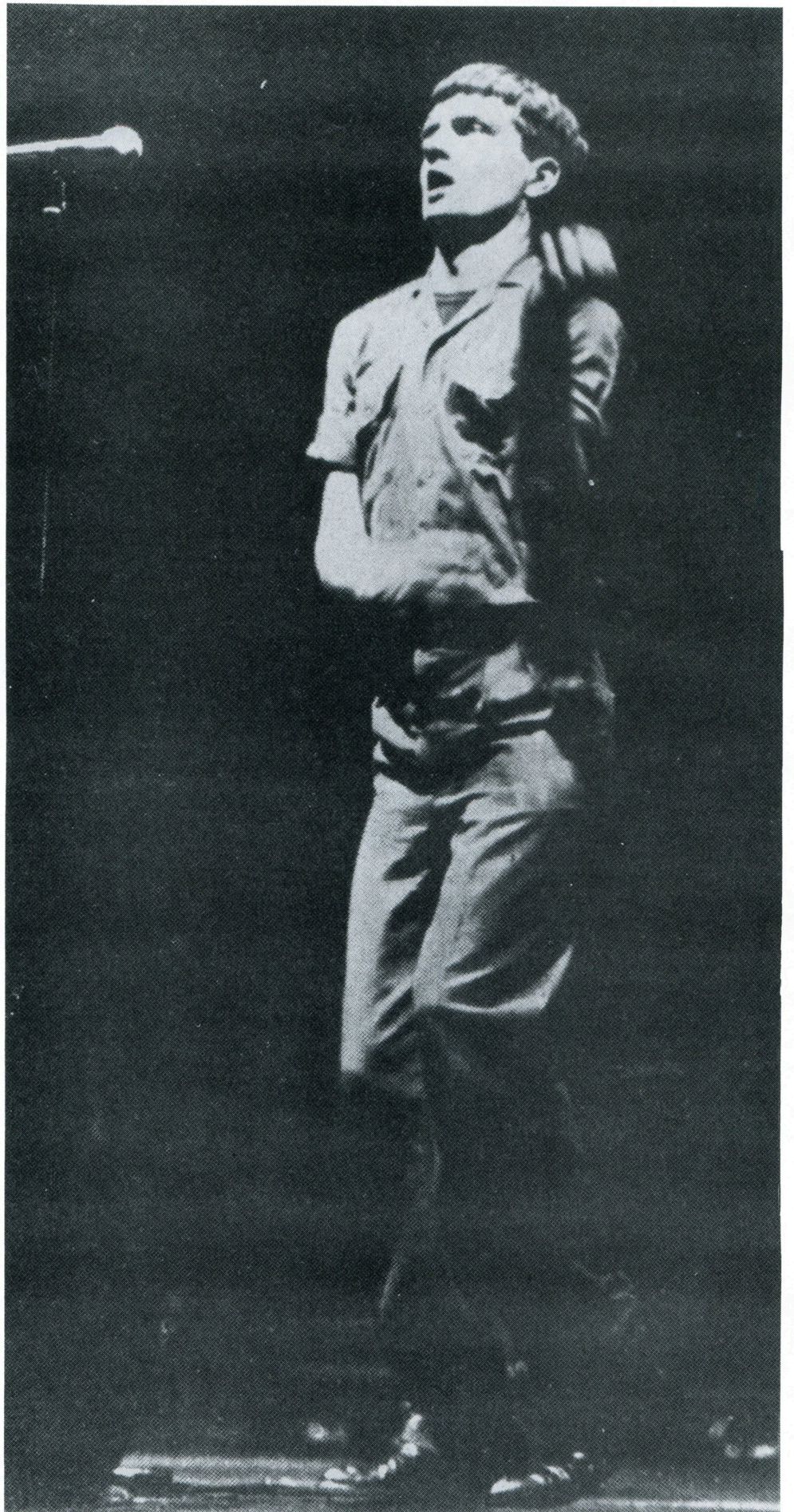
JOY DIVISION

VALENTIM DE CARVALHO

BLITZ

JOY

DIVISION

A conclusão, que à luz dos anos passados ganha os contornos de objectiva e distanciada, assume-se quase como um facto: os Joy Division foram a mais importante de todas as bandas dos anos oitenta. Factos e figura (Ian Curtis), nas páginas que se seguem.

BIOGRAFIA

Logo desde cedo, ainda mal a década passada queria despontar, e já o culto ia ganhando proporções massificadas e garantindo aos Joy Division uma aura de mistério e fascínio que prometia perdurar muito para além do tempo médio de armazenagem de música pop na memória de longo termo. Os Joy Division tinham tudo o que é preciso para ficar na história, e desde muito cedo foi possível percebê-lo. Senão, vejamos: musicalmente aproveitaram para domesticar a energia punk e para transformar força bruta em emoção brutal, dando ao seu som um cheiro a novo que não podia deixar de impressionar; visualmente, optaram por uma postura de rigor e austeridade que não tardou a fazer escola; paradigmaticamente foram corporizados na figura de Ian Curtis, o promissor poeta que cantava com o coração, que transformava canções em tremores de alma e que, por assim o querer, morreu jovem e incorrupto.

De algum modo, a história dos Joy Division é mais que o percurso de uma banda. É também, e isso diferencia-os dos grupos comuns, a redescoberta de uma das personagens-chave da história do rock, de um cantor cujo talento tem por equivalentes as obras dos maiores. E cuja figura desfia as lembranças dos trágicos destinos de James Dean e de outros mitos que os deuses quiseram levar jovens.

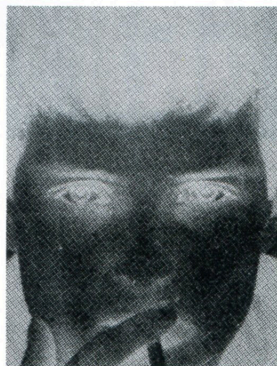
A história dos Joy Division e o princípio da criação do mito de Curtis coincidem com uma data pouco nítida e localizada algures no princípio dos anos setenta. Reza a lenda que Bernard Albrecht (que na verdade se chama Bernard Sumner), Peter Hook e Ian Curtis se conheceram no liceu, em Manchester. O primeiro, ao que parece, fizera parte enquanto adolescente de uma banda de «heavy metal», havendo quem garanta tê-lo visto por aqueles dias a abanar a cabeça ao som de «Stairway To Heaven». Ian Curtis trabalhava desde muito novo numa fábrica têxtil. Em relação a Hook, como de resto aos outros futuros Joy Division, não se conhece registo de qualquer outra actividade extramusical. Recordando os seus verdes anos, Curtis terá um dia afirmado que «todas as pessoas têm um mundo próprio, interior. Na escola, quando tinha 15 ou 16 anos, falava entre os meus amigos: bem, quando isto acabar vou para Londres fazer qualquer coisa que jamais alguém fez. Depois trabalhei numa fábrica e estava verdadeiramente satisfeito porque podia sonhar todos os dias, acordado. Tudo o que eu tinha de fazer era empurrar um vagão com uma máquina de algodão dentro. Podia pensar no que iria fazer no fim-de-semana, como é que ia gastar o meu dinheiro, que disco iria comprar... Podemos viver num mundo interior».

Em 1976, as três personagens anteriores enriquecidas com as colaborações de Stephen Morris na bateria e de T. Tabac, que mais tarde se voltou para as técnicas de som, formaram uma banda, facto em si mesmo pouco original.

Inspirados pelo título de uma das faixas de «Low» (um dos LP de ponta de David Bowie), «Warszawa», escolheram por nome Warsaw, e em 1977 gravaram o seu primeiro disco, o EP «An Ideal For Living». Do disco pouco há a referir, excepto talvez o seu carácter precioso e o significado de que sempre se revestem as estreias ignoradas das bandas históricas.

Ainda por alturas da gravação de «An Ideal For Living», a formação resolveu trocar de nome, assumindo-se a partir de então como Joy Division. Para trás o disco havia ficado a estreia em público no Electric Circus, uma sala de concertos velha, suja e carregada de memórias. Resta dizer que nessas actuações o grupo, Warsaw na altura, abrira as actuações de um espectáculo que incluía ainda as prestações de uns tais Penetration e dos Buzzcocks, uma banda local que atingiu uma certa notoriedade e que mais tarde foi trocada pelo líder Pete Shelley por uma pouco sumarenta carreira a solo. Do convívio com os Buzzcocks terá resultado o conselho de Shelley para que os Warsaw optassem pelo nome de Stiff Kittens, sugestão que foi, obviamente, recusada.

O novo nome da jovem formação, Joy Division, recuperava a memória de um facto tormentoso: aquela era a designação dada à ala das prostitutas nos campos de concentração nazis. Alguém observou que um tal nome, fazendo referência a uma organização im-

posta pela força e, como tal, altamente limitadora da livre vontade dos seus ocupantes, haveria de apresentar, como que por ironia do destino, curiosas aproximações ao futuro da própria banda.

Algum tempo após a edição do disco inicial, os Joy Division participariam num concurso organizado com vista à divulgação de novos talentos. A banda, até aí, pouco tinha mostrado de notável, exceptuando um ou outro indício daquela que seria a sua futura imagem de marca: um visual rigoroso e austero que fazia do preto o seu tom dominante e a estranha forma de dançar do vocalista Ian Curtis, arrebatada e hipnótica.

No referido festival, organizado pela Stiff, os Joy Division não foram particularmente felizes, mas conseguiram impressionar, mesmo assim, Tony Wilson, produtor da Granada TV, que conseguiu distinguir no quase indistinto som do grupo algumas das razões que dele fariam um dos nomes mais altos da música do seu tempo. Wilson apressou-se a apresentar a sua descoberta a Rob Gretton, um dos seus associados num projecto chamado Factory, na altura em fase de lançamento. Os outros sócios da Factory eram Alan Erasmus, o gestor, Peter Saville, o artista gráfico, e Martin Hannett, o produtor.

Gretton logo se decidiu a trabalhar com a sua descoberta, tendo-se tornado o «manager» dos Joy Division. Sobre o futuro da Factory poucas ideias havia, exceptuando o facto de a nova editora se assumir como uma companhia apostada em não ser confundida com as outras concorrentes.

A dedicação de Wilson e Gretton havia de levar os Joy Division a cabeças de cartaz do Factory

Club, um armazém adaptado e localizado numa zona degradada. O que não lhes valeu de muito em termos de fama e proveito. Da mesma forma que nos registos conhecidos — e a «An Ideal For Living» juntava-se já o documental «At A Later Date», faixa incluída em «Short Circuit: Live At The Electric Circus» (Virgin, 1978), uma colectânea gravada ao vivo aquando do festival de encerramento daquele clube — os Joy Division continuavam a apresentar um som demasiado cru para impressionar o público. ·

Dois meses de interregno nas actuações no Factory Club foram o suficiente para os músicos procederem a uma renovação do seu estilo, que por esta altura, em 1978, surgiria num formato bastante mais próximo do definitivo.

Ainda em 1978, a banda contribuía com duas faixas para a compilação «Earcom», editada pela Fast Records («From Safety To Nowhere» e «Auto-Suggestion») e ocupava um dos lados de «A Factory Sample», duplo EP no qual também foram recolhidas faixas dos Durutti Column, Cabaret Voltaire e John Dowie. «Digital» e «Glass» são os temas seleccionados para o referido registo.

Estes dois temas viam já a banda entregue aos cuidados de Martin Hannet, assim se constituindo uma associação que tão bons resultados viria a fornecer.

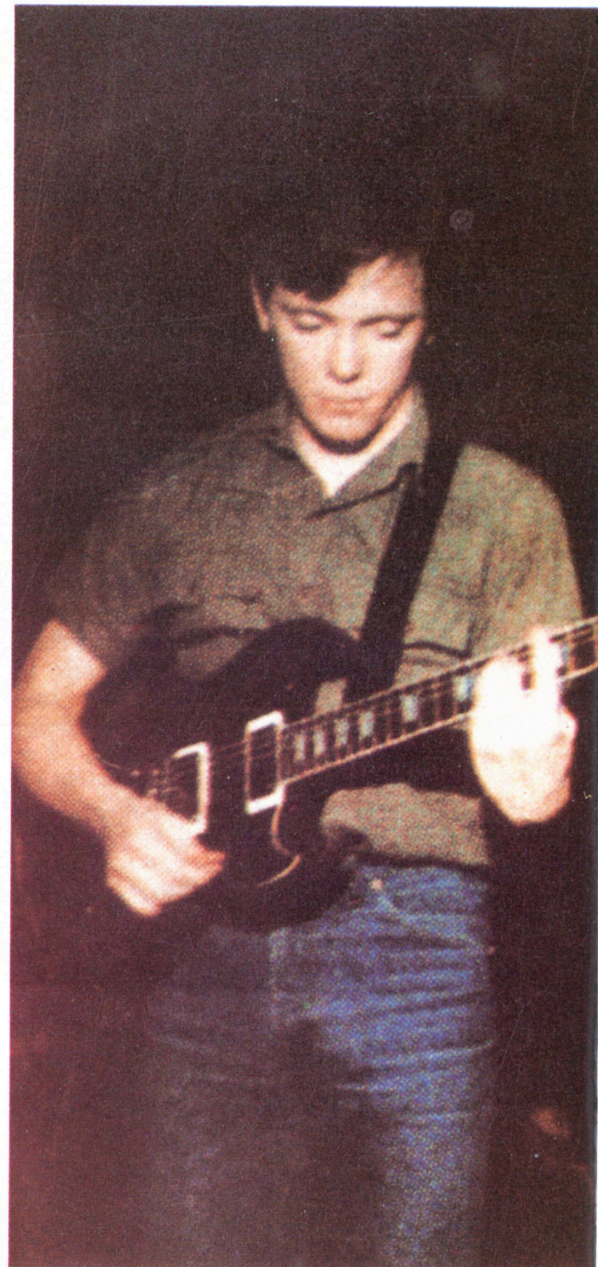
Importa por esta altura referir aquelas que são duas das principais razões do triunfo da jovem Factory, o estúdio Strawberry, de Manchester, e a tipografia Garrod & Lofthouse. Nomes intimamente ligados a Hannett e Saville, respectivamente. O primeiro era um apaixonado total pelas artes do som; Saville, um jovem estudante de Belas-Artes, em Manchester, que por três vezes ameaçara provocar incêndios em tipografias, tudo motivado pela sua busca de uma nova técnica de impressão, a «termografia», experimentada a propósito da concepção da capa do primeiro LP dos Orchestral Manoeuvres In The Dark. Como está farto de ser dito, este encontro de personalidades (Curtis, Saville, Hannet) constituiu a verdadeira rampa de lançamento de todos eles.

Isso tudo e muito mais, veio a ser provado com a edição de «Unknwon Pleasures» (1979). Para lá da qualidade estritamente musical do disco, e quase não é preciso dizer que se trata de um dos grandes álbuns dos anos oitenta, a obra apresentava algumas particularidades que a distinguiam dos produtos correntes. Este era, com efeito, um disco mais voltado para si mesmo que para as materiais delícias do mercado. Um álbum cujo conteúdo rigorosamente artístico não necessitava sequer da exposição privilegiada dos nomes da obra e dos seus autores. Um disco íntimo e quase secreto. As coisas grandes costumam ser assim. Miguel Esteves Cardoso, o dedicado divulgador dos Joy Division em Portugal, definiu o álbum de estreia dos Joy Division como «um LP com boa música de dança (macabra, gloriosa) que sobreviverá graças à sua grande nobreza». Tinha toda a razão.

Recebido com honras de acontecimento pela crítica, «Unknown Pleasures» é ainda hoje um disco impressionante e irremediavelmente belo.

Seguiram-se dois singles, «Transmission» e «Atmosphere». Dois outros marcos na carreira do grupo de Ian Curtis e duas canções inesquecíveis para todos aqueles que alguma vez as escutaram. Da primeira é impossível não reter o hipnótico refrão (Dance, Dance, Dance, Dance To The Radio), gritado para além do controlo e da vontade; de «Atmosphere» mantém-se intocável o fascínio de uma atmosfera gelada e de uma placidez que não existe senão à superfície, na aparência. A prensagem inicial de «Atmosphere», constituída por uns escassos 1500 exemplares, cedo se tornou num raro objecto de colecção, tendo sido avidamente disputada.

Em Abril de 1980, os Joy Division tocam em Londres, servem de banda de apoio aos Stranglers e dão o seu derradeiro concerto no High Hall (Universidade de Birmingham), a 2 de Maio, uma sexta-feira. O concerto foi gravado e mais tarde editado na forma de um histórico duplo LP, «Still».

Quinze dias depois do concerto de Birmingham, a 17 de Maio de 1980, Ian Curtis suicidava-se. O seu último acto teve lugar em casa dos pais, perto de Manchester (Macclesfield), quando o assombrado criador não tinha mais de 23 anos de idade. Reza a lenda que o suicídio terá sido consumado após o visionamento de um filme de Werner Herzog, «Stroszek».

Durante o período de luto foram editados dois discos obrigatórios na carreira da banda, «Closer» e «Love Will Tear Us Apart». O primeiro é geralmente referido como a obra-prima dos Joy Division. É um disco monumental, no qual sopra uma grandiosidade emocional a que não é possível escapar. Canções como «Decades» e «The Eternal» são, talvez, os exemplos mais claros do

sopro divino que percorre esta grande música.

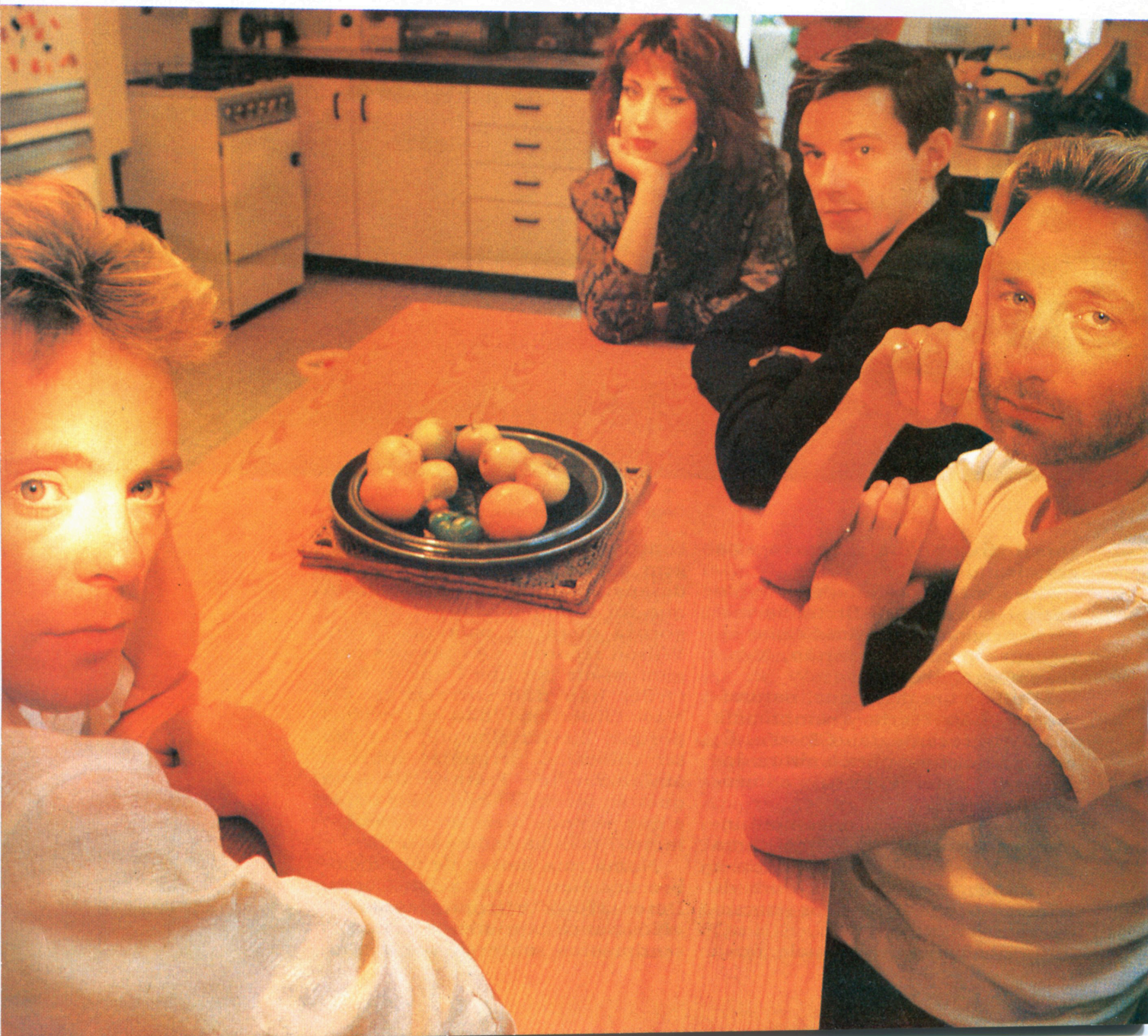
Em 1981 seria editado o duplo «Still» que na Grã-Bretanha mereceu originalmente duas capas alternativas, uma em cartão, a outra em serapilheira.

«Still» é um disco que, naturalmente, não recria a ambiência triste e sufocante de «Closer». É, no entanto, uma obra à altura dos autores. Cortante, intensa e imensa.

Em «Still» encontra-se uma interpretação de «Ceremony», uma canção de Ian Curtis que viria a constituir, mais tarde, a obra de estreia dos New Order, os seus sucessores directos.

A interpretação daquele tema constituiu uma honesta homenagem à memória do companheiro desaparecido. Uma homenagem que foi acompanhada de uma rigorosa dieta de palavras. Tony Wilson recorda: «As pessoas perguntam-me por que é que os New Order não dão entrevistas. Os New Order não dão entrevistas porque, inevitavelmente, lhes vão ser colocadas perguntas sobre o amigo morto. Trata-se de uma questão incontornável. Mas o que é que se pode dizer de um amigo morto? Não há nada a dizer.»

Numa rara alusão de um membro dos New Order a Ian Curtis, Peter Hook afirma, lacónico: «Nós nunca exprimimos os nossos sentimentos sobre ele numa can-

ção em particular. Eles emergem em passagens soltas, aqui e ali. Pode-se encontrá-los quando se tem atenção ao reverso das canções.» O que talvez fosse verdade por altura dos registos iniciais da banda, mas não agora, que a música dos New Order não tem a ligá-la à dos Joy Division algo mais que três nomes e um cordão de memórias. O tom fúnebre e cerimonial de «Movement» foi dando lugar, com a passagem do tempo, a uma exploração consequente e progressivamente aprofundada, dos ritmos e das estruturas-padrão da canção pop. Após uma série de LP's e máxis de sucesso, de entre os quais avulta o mega-êxito «Blue Monday», os New Order são um dos mais seguros valores da música urbana contemporânea. Longe de «World In Motion», velhinho de 1990, espera-se para breve um novo álbum do grupo que das origens não guarda mais que um punhado de discos e umas tantas memórias. Vejam esta, de Bernard Sumner: «Nos primeiros tempos, antes de 'Unknown Pleasures', a imprensa musical detestava-nos e isso constituía um estímulo para irmos mais longe. Quando o disco saiu, subitamente, éramos uma banda maravilhosa. Tínhamos deixado de ser a banda mais impopular do mundo, e estávamos transformados na mais popular de todas. «'Fucking ridiculous'.»

DISCOGRAFIA

1978 «An Ideal For Living» (EP, 7' Enigma)
«An Ideal For Living» (EP 12', editora anónima)
«At A Later Date», in «Short Circuit: live at the Electric Circus» (LP, Virgin)

1979 «Digital»/«Glass», in «A Factory Sample» (EP, Factory)
«Auto Suggestion»/«From Safety To Nowhere» in «Earcom 2» (12', Fast)
«Unknown Pleasures» (LP, Factory)
«Transmission» (Single, Factory)
«Atmosphere» (Single, Factory)

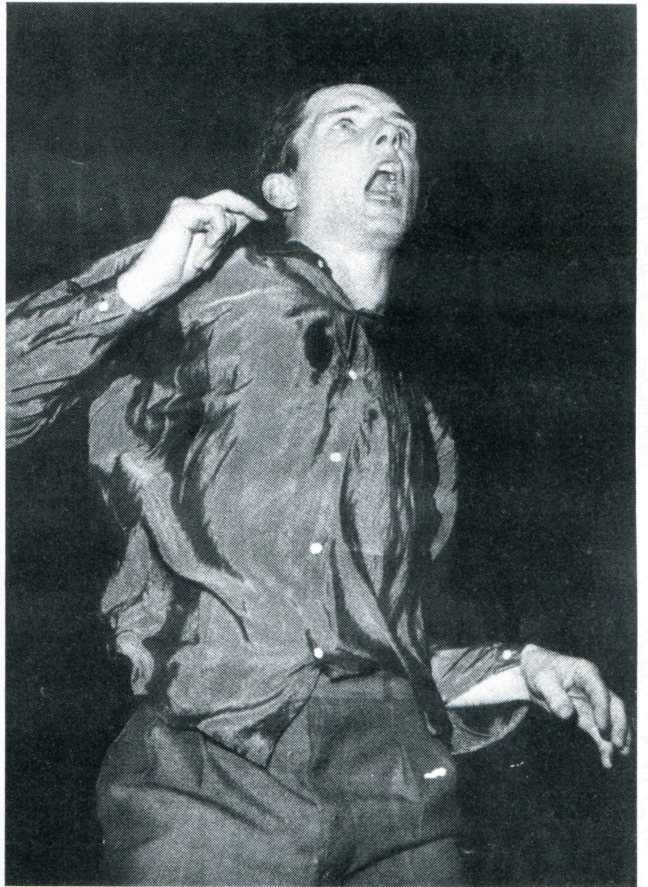
1980 «Love Will Tear Us Apart» (7' e 12' Factory)
«Komakino» (Flexi — disco amostra, Factory)
«Closer» (LP, Factory)
«She's Lost Control» (12', Factory)
«Transmission» (12', Factory)

1981 «Still» (2 LP, Factory)

1988 «Peel Sessions: Joy Division» (12', Strange Fruit)
«Substance: 1977-1980» (LP, Factory)

1991 Recuperação de alguns temas para a edição de «Palatine, The Factory Story, 1979/1990» (4LP, Factory)

EDIÇÕES NÃO OFICIAIS

«Warsaw» (LP, incluindo uma faixa inédita)
«Komakino» (LP, gravado ao vivo em Londres, 1980)
«Le Terme» (LP de versões ao vivo e singles raros)
«Amsterdam» (LP de versões ao vivo, com embalagem e etiqueta Factory falsificadas)
«Last Order» (LP)
«Shadowplay» (CD, edição Great Dane Records)

NUM LUGAR SOLITÁRIO

Ian Curtis merece um lugar à parte no panteão da música popular. Um lugar solitário e de acesso reservado. Escuro, denso e sufocante: um lugar à medida das suas canções.

Desde cedo, o jovem Ian se destacou do pelotão de artistas apostados em chegar ao estrelato. Passemos a palavra a alguém que o tenha conhecido. A Tony Wilson, por exemplo: «Os elementos das outras bandas queriam ser músicos. Os Joy Division estavam acima disso porque tinham algo para dizer — posso dizê-lo pelo que via nos seus olhos, pelo som da sua música, pelo seu estilo.» Um estilo rigoroso e austero, algures entre o militarista e o introspectivo. As ligações perigosas ao glossário nazi foram, aliás, aqui e ali, levantadas em jeito de crítica: se a joy division» se refere aos bordéis militares, a «new order» remete para o velho e fracassado plano de Hitler para um mundo talhado à sua imagem e semelhança.

Na sua enigmática a carismática pose e no seu trágico fim, Ian Curtis em tudo se assemelhou a

um génio atormentado pela dúvida e rasgado pela angústia. Se as influências musicais mais habitualmente encontradas remetem para Bowie, para os Velvet Underground e para os Doors, o seu percurso foi também cruzado e lavrado pelas obras de Kafka e Herzog.

Os poemas de Ian Curtis, que estão disponíveis em livro numa edição bilingue da Colecção Rei Lagarto, da Assírio & Alvim (traduzidos por Pedro S. Costa e Paulo da Costa Domingos), são os retratos de pensamentos melancólicos, tristes, raivosos ou deslumbrados. Nunca neutros ou supérfluos. Em Ian Curtis, nunca vingou a canção pop enquanto veículo de transmissão de mensagens ociosas ou de cartinhas de amor. As letras de Curtis (e as músicas dos Joy Division) rasgam a eito. Não poupam palavras nem pintam sentimentos. São versos de uma frieza escaldante. Experimentem-nos: «Eis uma crise e eu bem soube que vinha/Destruir o equilíbrio adquirido/Às voltas às voltas na dúvida/ Penso no que teremos a seguir/Foi mesmo essa pele que quiseste vestir?/Que parvo fui por querer tanto/Órfão sem guarda nem anjo/Tudo se esboroa mal lhe toque» (da tradução de «Passover», incluída na obra acima referida).

Ian Curtis é o anjo negro do pós-punk, alguém que troca as explosões descontroladas de guitarras mal arranhadas por violentas implosões de pensamentos e emoções. Ele é um dos mais fascinantes personagens da música urbana do nosso tempo, cujo perfil se pode encontrar delineado na «Escrítica Pop» de Miguel Esteves Cardoso e em «An Ideal For Living», um livro de Mark Johnson que traça as rotas dos Joy Division e New Order.

Ian Curtis é o representante pleno da angústia terminal que marcou uma época. E os seus discos são, como a propósito de «Closer» afirmou Bernard Sumner, discos pesados, autênticas viagens ao lado escuro de cada um de nós. Conhecem algo mais fascinante?

Miguel Cunha